

Marisa das Neves Henriques, *Antologia de Textos para o Estudo da Filosofia em Portugal. Da Patrística à Contrarreforma*, coleção eQuodlibet nº17, Coimbra, IEF, 2024, 383pp. ISBN 978-989-35687-2-9.

O que podemos nós afirmar acerca do valor de um monumento que acaba de ser inaugurado? Como retratar a firmeza e robustez daquilo que está ainda a criar as suas raízes? Como medir o alcance de algo que está ainda a levantar voo? É precisamente este o desafio que enfrento quando colocado diante da tarefa de recensar para os leitores da *Revista Filosófica de Coimbra* a *Antologia de Textos para o Estudo de Filosofia em Portugal*, publicada em setembro de 2024 por Marisa das Neves Henriques. Esta hercúlea obra, que nasce sob a alçada do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, constitui o décimo sétimo número da coleção eQuodlibet e pretende focar-se em algumas questões da História da Filosofia em Portugal na Idade Média e no Humanismo.

Numa altura em que mais do que nunca as humanidades e as letras se encontram sob ameaça das ditas “ciências duras”, Portugal, sendo considerado um ponto geográfico periférico, sente tal risco de forma redobrada. Daí que esta obra, assemelhando-se a um atlas da Filosofia em Portugal, se assuma como um pilar que procura proteger a filosofia e a história do nosso país enquanto nação pensante. Note-se que tal elogio não é feito de ânimo leve, já que a ignorância que tristemente enturva o pensamento filosófico em Portugal que incide sobre épocas recuadas é visível desde a informação ventilada pelos mais comuns meios de comunicação até ao descaso das academias (algo confirmado pela ausência de um formato analógico para esta Antologia). Esta obra promete contribuir para a inversão desta tendência, lançando alguma luz sobre a importância de Portugal como grande centro intelectual desde tempos longínquos.

A vertente de estudo, que a autora relembra e destaca no decorrer da obra, é absolutamente fundamental e, a meu ver, é aquilo que a torna única entre as poucas antologias do mesmo género já existentes. Refiro-me precisamente ao facto de ser uma obra dedicada ao *estudo* da Filosofia em Portugal, tentando contribuir tanto e tão profundamente para a sua revivescência, principalmente do período muitas vezes negligenciado que é objeto desta obra (que abrange textos desde o século IV até meados do século XVI). É por se comprometer a servir de ferramenta de auxílio – como outrora fora feito por Mário Santiago de Carvalho, no seu *Roteiro Temático-Bibliográfico de Filosofia Medieval* – a ser utilizada por aqueles que se iniciam nestas matérias que a obra se distingue um pouco das demais.

Ao convocar o leitor para o estudo, partindo de 150 textos e viajando fora deles, algo potencializado pelo formato de excerto, inevitavelmente impele-o a realizar uma exploração da Filosofia em Portugal de forma livre e autónoma, ausente de pré-conceitos e estigmas. É precisamente por ser uma antologia autoproclamadamente dedicada ao estudo que se afasta das obras que surgem apenas como uma mera seleção de textos. Por isso mesmo encontramos nela uma atitude de abertura e humildade, que não escolhe os excertos porque arbitrariamente os considera dignos de serem inseridos numa *aristocrática antologia*, mas sim porque vê e respeita em cada trecho uma individualidade própria que, de alguma forma, se pode *confundir*

com a individualidade daquele que o lê, tocando-o de forma única. Assim, cada texto, cuidadosamente escolhido, liga o leitor não só à obra original, donde foi retirado, mas a todo o contexto que a envolvia, graças aos verbetes informativos que o acompanham.

Assim, supera-se e deixa-se para trás a estaticidade típica de algumas antologias precedentes, e assumindo a nobre tarefa do παιδαγωγός como seu verdadeiro destino, pegando o leitor pela mão e encaminhando-o até à sabedoria. Ou, pelo menos, ensinando-lhe o longo e belo caminho do conhecimento, deixando para trás o «onismo da repetição em detrimento da jubilosa pesquisa» (“Antefácio” in *Antologia*, p. 17), típico dos outros trabalhos, tal como Mário Santiago de Carvalho refere no antefácio da presente obra.

Insisto enfim, se me for permitido, que este trabalho constitui um impulso substancial para a superação do “pessimismo lusitano” que nos marca a todos nós, estudiosos e amantes da nossa história e do nosso pensamento, que nos vemos tristemente confrontados com o “*entorpecedor sentimento de marginalidade ou mesmo menoridade intelectual; no vil e soberbo desprezo relativamente a tudo o que não é estrangeirado.*” (“Antefácio”, in *Antologia*, p. 18). Acredito que, com o devido tempo, este bem esculpido trabalho de Marisa das Neves Henriques possa ser o prometeico fogo necessário para despertar na intelectualidade lusa a chama que outrora levou a insuperáveis produções – que se não fosse o esforço de raras e geniais mentes, tal como aquelas presentes na gênese desta antologia, estariam atualmente num sono profundo – levando, quem sabe, ao aparecimento de novos contributos, tal como foi o de grandes vultos como Potâmio de Lisboa, Orósio, Santo António de Lisboa, o canonista João de Deus, o rei D. Duarte, e muitas das mais figuras que aqui não tenho espaço para enumerar.

Esta obra tem em si a potência de, graças à evocação dos autores e autoras que aborda, despoletar, ou dar continuidade, à consolidação do pensamento português como um dos grandes na paisagem europeia, seguindo à vontade ardentemente exposta pela própria autora: “*o rasto dos textos do passado nos ajude a reconstituir hoje, e para memória futura, uma história inovadora do pensamento em Portugal expurgada de complexos de inferioridade e de omissões que roçam a inópia.*” (“Introdução” in *Antologia*, p. 25).

Após estas palavras introdutórias, chega agora o momento de mostrar ao futuro leitor o tesouro com o qual se vai encontrar ao explorar os recantos desta obra. Desde logo, poderá apreciar um elegante antefácio (pp.15-22) escrito por Mário S. de Carvalho, no tom de escrita com que já nos habituamos enquanto leitores da Revista Filosófica de Coimbra. Ainda antes de entrar no trabalho da crestomatia em si, segue-se um outro luminoso exemplar de sapiência aliada à escrita docemente adornada, ou seja, a própria introdução (pp. 23-58) da autora à sua Antologia. A introdução de Marisa Henriques possui uma riqueza de conteúdo tal que é capaz de se sustentar sozinha como uma enorme mais-valia para o estudante de Filosofia em Portugal. Este encontrará aqui valiosíssimas referências, permitindo-lhe ir além da obra que tem diante de si e procurando conhecimentos noutras fontes, por exemplo, nos vários outros trabalhos antológicos que a autora cita, que abordam várias áreas incluindo a filosofia, tal como as obras: *Crestomatia Arcaica* (1906), o *Florilégio*

da *literatura portuguesa arcaica* (1932), o volume *Quatro Prosadores Ascetas do século XVI* (1950), a *Antologia de Textos Medievais* (1957) de José Pereira Tavares e a *História Documental da Civilização. Antologia de Textos históricos da civilização portuguesa* (1973). Em conjunto com estes surgem também várias referências a autores que se dedicaram à produção intelectual em Portugal, como António Sérgio, Joaquim de Carvalho, Banha de Andrade, Francisco da Gama Caeiro, Pinharanda Gomes, e outros grandes nomes que com toda a certeza fornecerão ao leitor larga bagagem para adentrar na Filosofia em Portugal. Na introdução, a autora mostra novamente que o pensamento português medieval, tal como todo o pensamento filosófico do longo período histórico que é objeto desta Antologia, não ficou para trás em relevância, mas continua em voga e a ser profusamente contemporâneo. Após estas duas peças, segue-se a promissora seleção de textos. Esta expressa copiosamente o espírito de diáspora comum ao pensamento português e estende-se a inúmeras áreas, passando pelas mais comuns da filosofia até sectores eventualmente mais “exteriores”, mas sempre conexos com o pensar filosófico, como a medicina (abordada por Pedro Hispano em §26 e §27, Abraão Zacuto em §94, §95 e §96, António Luís em §124 e ainda Lopo Serrão no §131) ou a cosmologia e a astronomia (corelacionadas com a medicina por Zacuto no §94 e tratadas pelo mesmo no §93, mas também por António de Beja no §108 e §109 e ainda pelo Infante D. Duarte no §136) ou indo até mesmo além dos limites da prosa estritamente filosófica e versando temas particularmente ibéricos, como é o caso dos poemas e das cantigas de amigo, escárnio ou maldizer- contrariando a trágica sina que nos diminui apenas a poetas e suicidas. De entre os excertos, o leitor pode visitar alguns clássicos mais conhecidos, como as cantigas do rei do D. Dinis (§24 e §25), ou deleitar-se no desafio provocado por alguns textos inéditos laboriosamente descobertos e salvos pela tradução de Marisa (§15, §22, §35, §147 e §148) e por Mário S. Carvalho, ao qual pertencem algumas outras traduções (§13, §14, §21, §104 e §131). Inédito também, e merecedor de todos os elogios, é o esforço por colocar e dar destaque à figura feminina e à sua importância para a atividade intelectual. Porque se a escassez da sua presença na filosofia já é ensurdecadora, mais ainda o é no pensamento português, o que é visível pela aridez de referências deste género noutras obras. As Mulheres possuem nesta *Antologia* uma presença reforçada tanto como autoras bem como tema de discussão, contando com 14 excertos que lhe fazem alusão (§2, §19, §29, §48, §84, §85, §99, §129, §144, §145, §146, §147, §148). No tocante aos textos não mais me alongarei com especificidades já que a variedade é manifestamente ampla. A fim de facilitar a consulta e a leitura dos estudantes ou dos estudiosos, a Antologia conta com um meticuloso índice de matérias, aliado não apenas a um índice onomástico mas também a um índice geográfico, que compõem a trindade ideal para o leitor disposto a trabalhar cientificamente, ou simplesmente dotado de curiosidade.

Apraz-me concluir esta recensão tecendo os devidos elogios à responsável deste trabalho. Claro está que qualquer enaltecimento à obra funciona retroativamente para aquela que a produziu, contudo, o produto final é sempre uma versão polida e esculpida de um processo que, apesar de dotado de imperfeições, possui também uma beleza própria. O oficioso labor de erguer uma antologia deste género obriga a autora a redobradamente estender os seus esforços por variados caminhos, dividin-

do-se entre a revisão dos trabalhos anteriores da mesma senda, a visita aos textos nas suas formas originais e a procura de novos pretendentes a integrar a coletânea. Mais ainda, propondo-se Marisa Henriques a percorrer um tão extenso e prolífero período histórico, teve sobre si o peso de verter os textos, escritos em diferentes línguas e dialetos, para o português corrente, de forma a torná-los acessíveis ao leitor. Nesta etapa a autora agrega também o pesado fardo de tradutora, debatendo-se agora com as responsabilidades desta tarefa, que deve evitar que *traduzindo se perca a doçura* (Além da responsabilidade de decidir quais os textos a incluir e quais deixar de fora, parte mais difícil deste tipo de trabalho), a tarefa de Marisa Henriques paira então sobre o abismo que separa a tradução prudente daquela que extirpa o original da sua identidade e essência, ao mesmo tempo que se preocupa em garantir ao leitor a apresentação da beleza dos textos em conjunto com a sua fácil leitura. É ao calibre desta tarefa realizada por Marisa Henriques, que conseguiu num muito corajoso esforço equilibrar todas estas componentes, deixando-nos como produto final uma obra que preenche os critérios da genialidade, que gostaríamos de pedir emprestada a Eduardo Lourenço nas palavras seguintes: “*Uma obra de génio não é um pasto todo preparado para a ruminação obrigatória da «cultura»*. É um desafio, é até um precipício para quem não tem asas para atravessar o natural abismo que ela representa” (Eduardo Lourenço in *Pessoa Revisitado*, p. 30). Com toda a certeza esta Antologia imprimirá no leitor o desejo de poder, a breve trecho, receber o prometido segundo volume, dedicado aos séculos posteriores. Aí, esperamos poder encontrar textos de grandes nomes da cultura portuguesa que ficaram de fora desta oportuna iniciativa, começando pelo gigante Luís de Camões e avançando por nomes como Padre António Vieira ou até mesmo Bento de Espinoza.

Pedro Lisboa

pedrolisboa2003@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-3288-0961>

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_67_11